

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

11. PRINCÍPIOS QUE DEVEM REGER AS RELAÇÕES DOS MISSIONÁRIOS COM AS AUTORIDADES COLONIAIS, Ao P. Briot

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 11. PRINCÍPIOS QUE DEVEM REGER AS RELAÇÕES DOS MISSIONÁRIOS COM AS AUTORIDADES COLONIAIS, Ao P. Briot. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/67>

This III is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

11. PRINCÍPIOS QUE DEVEM REGER AS RELAÇÕES DOS MISSIONÁRIOS COM AS AUTORIDADES COLONIAIS

Ao P. Briot ¹⁷⁹

Esta carta ao P. Briot¹⁸⁰, de 2 de Agosto de 1847, não nos explica verdadeiramente o “episódio do piquete”. Libermann fá-lo numa carta de 3 de Julho a D. Truffet para que ele mesmo regule esse litígio. “No dia em que eles (PP. Briot e Lossedat) queriam fazer a dedicação da sua capela, convidaram o Comandante, que parecia ter ficado agradado com o convite e se dispunha a vir com um piquete de militares. Para esse piquete escolheu soldados negros que tinha levado do Senegal, soldados que, por conseguinte, eram maometanos ou idólatras. Os PP. Briot e Lossedat recusaram admiti-los: daí um desentendimento”¹⁸¹.

O “episódio do piquete” leva Libermann a apontar com precisão nesta longa carta ao P. Briot os princípios que devem reger as relações com as autoridades europeias na costa de África. “A situação da Missão de África exige-lhe que mantenha relações com os comandantes... Um missionário talentoso, quando posto em circunstâncias como esta, saberá cultivar uma boa amizade ou pelo menos boas relações com os chefes civis e militares, assim como com os comandantes dos navios de passageiros, mantendo ao mesmo tempo a liberdade do seu ministério.”

Ao P. Briot, missionário apostólico,
Dakar, Costas de África.

2 de Agosto de 1847

Caro confrade,

Já respondi uma vez à sua famosa questão do piquete de soldados para a vossa festa de dedicação. Volto ao assunto, porque me parece pela sua última carta que isso o inquieta.

¹⁷⁹ ND IX, pg. 239-244.

¹⁸⁰ Cf. índice onomástico.

¹⁸¹ Cf. ND IX, pg. 222: Libermann a D. Truffet a 3 de Julho de 1847.

Antologia Espiritana

O P. Bessieux ficou muito contente por a vossa casa e a vossa igreja se terem felizmente concluído tão bem. O que foi pena é que na inauguração dessa igreja tenha surgido uma querela entre vocês e o Comandante. Espero que o P. Bessieux consiga remediar isso. Ele é muito bem visto pela generalidade dos chefes. O Sr. Bouet¹⁸² fala muito bem dele e parece que lhe tem muita estima; o Almirante, ao que parece, tem uma boa opinião dele, e até o Sr. Brisset dantes se dava muito bem com ele. Se este último parece agora estar descontente é talvez por pensar que daqui em diante o P. Bessieux vai estar contra ele e reprovar a sua maneira de agir. Espero que depois de chegar, e dando-lhe mostras de amizade, o P. Bessieux consiga conquistá-lo. O Sr. Brisset é rude como todos os militares, faz tudo à militar. Essa maneira de ser constitui sempre uma dificuldade para os nossos missionários, mas dificuldades destas existem em toda a parte.

A situação da Missão de África exige que se mantenham relações com os Comandantes. Não vejo como evitá-las. Um missionário talentoso, quando posto em circunstâncias como esta, saberá cultivar uma boa amizade ou pelo menos boas relações com os chefes civis e militares, assim como com os comandantes dos navios de passageiros, mantendo ao mesmo tempo a liberdade do seu ministério. Grande mal, isso sim, seria se todos esses agentes imaginassem que estais contra o Governo. É uma conclusão tola que tiram facilmente dos maus jornais que lêem. Eles misturam este preconceito com todos os outros que tiram das obras de Voltaire contra a religião. Fazem destes preconceitos uma espécie de espantinho contra vós; enchem a cabeça com eles, e depois dão-se a todo o tipo de obstruções e ataques. Tendes de ser muito prudentes em tudo o que fazeis: nunca intrometer-se nos assuntos políticos e tomar todas as medidas para obrigar todos os vossos colaboradores a tratá-los com amabilidade, caridade e delicadeza; com eles ser simples e polidos, desta simplicidade e desta polidez que brotam da caridade. Quando não puderdes fazer o que esperam de vós, por exemplo, batizar os que têm várias mulheres, passar com facilidade por cima dos preceitos do Evangelho, etc., etc., quando vos pedirem estas coisas, tratar os que vo-las pedem com amabilidade e caridade e deixá-los satisfeitos ainda que não lhes fazendo a vontade.

Isso não significa dizer sim e depois fazer o contrário; em geral, é preciso ser franco e aberto, mas sem esquecer a prudência; basta que ao responder se evite a rudeza, a disputa, um ar de descontentamento, de confusão, etc.. Todos

¹⁸² Bouet e Brisson, oficiais da administração colonial francesa na África Ocidental.

Congregação do Espírito Santo

estes sentimentos fazem mal e não levam a nada de bom. Além disso, é preciso não alimentar no coração sentimentos de animosidade contra essa boa gente, e conservar sempre a calma, manifestar-lhes sempre o mesmo ar de serenidade e de confiança, mesmo depois de terem feito alguma tolice. Fazer-lhes compreender e crer que, se não vos rendeis à sua opinião, isso é por razões de consciência; consegui-lo-eis se cederdes facilmente em coisas de pouca monta, e se mantiverdes com eles esse clima de confiança e de abertura de coração.

Tenho algumas regras de prudência a dar-vos para as vossas relações com os chefes civis e militares:

1º Evitar quanto possível dar a impressão de desconfiar das suas boas disposições; seria o bastante para lhes dar um pretexto, enquanto que, pelo contrário, se lhes mostrardes um ar de confiança e agirdes como se não duvidásseis de nada, não ousarão por vezes manifestar as suas más disposições. Ordinariamente, esses militares agem por força da impressão que os domina; fazendo como vos indico, evitaredes que se desenvolva essa má impressão, porque geralmente esses homens têm um fundo bom.

2º Evitai falar e agir com altivez, quer dizer afetando autoridade. Essa arrogância que manifestam no exercício de seus poderes, em matéria de administração civil e militar, não deve ter lugar na vossa conduta em matéria de administração eclesiástica. Sede firmes em tudo o que se refere ao vosso dever de estado, mas com amabilidade e humildade. É natural aos soldados usarem a sua autoridade com rigidez, violência e orgulho; nunca fizeram por adquirir a perfeição evangélica; mas para nós, que somos padres de Jesus Cristo, as máximas do Evangelho devem ser a regra da nossa conduta. É necessário que abrandemos a sua rigidez pela nossa amabilidade, que suavizemos a sua violência pela nossa moderação e que moderemos o seu orgulho pela nossa humildade.

3º Tomai as vossas precauções para evitar choques. Estes homens estão habituados a nunca ficar por baixo dos seus subordinados, a que a sua vontade seja executada em toda a área sob seu comando: eis por que, uma vez que avancem nunca mais recuam, e se, por meios que os ultrapassem vocês ficarem por cima deles, hão de obrigar-vos a pagá-lo bem caro noutras circunstâncias. Além disso, por tendência e ousadia, tomar-vos-ão a dianteira, sem refletir se têm ou não razão, porque desconhecem os assuntos religiosos e eclesiásticos. Assim, é prudente tomarem medidas para não lhes dar a oportunidade de se pronunciarem. Quando acontecer que, apesar das vossas pre-

Antologia Espiritana

cauções, um comandante se pronuncie sobre um assunto que não é da sua competência, deixai, quanto possível, passar o primeiro momento e evitai entrar numa discussão irritante. Se conseguirdes dominar as primeiras emoções, haveis de ser capazes de o fazer mudar de ideias, esclarecendo-o numa outra circunstância mais favorável. Se resistirdes de imediato, excitareis a sua paixão, o seu amor-próprio e ele não irá ceder. Se não puderdes mesmo evitar esse primeiro impulso, evitai ao menos mostrar irritação.

4º Quando não puderdes evitar o choque, e quando por razões de consciência tiverdes de estar contra a vontade do agente francês, além do que disse nos nº 1 e 2, que é necessário observar neste caso, e quando acontecer que fiquéis por cima, evitai um certo ar triunfalista, evitai fazer sentir que ganhastes a vossa questão, sede delicados, e nunca orienteis a conversa para o que a possa trazer à baila. Sede humildes e caridosos, e não humilheis os outros, seja a que pretexto for. Imagina-se, por vezes, que é bom fazer sentir às pessoas que não tiveram razão e que tinham ido longe de mais. É um método muito falso e mau, que lisonjeia o nosso amor-próprio e que dá sempre mau resultado.

5º Finalmente, evitai, sempre que possível, a troca de correspondência, de pedidos oficiais. Raramente escrevam quando tiverem um pedido a fazer aos comandantes; façam-lhes uma visita, e pouco a pouco puxem a conversa para o assunto; preparem o terreno e façam o vosso pedido de viva voz. Por exemplo, querendo ter uma dedicação solene, conseguir que os operários não trabalhem ao domingo, que não haja mistura de homens com mulheres nas casas destinadas aos operários, etc., se tivessem ido vocês mesmos fazer-lhe uma visita, teriam modificado o que a vossa recusa poderia conter de demasiado duro para o Comandante, quer dizer, o que ele poderia entender como intolerância da vossa parte.

Lembra-se de lhe ter falado desta mesma regra de prudência a respeito do P. Tisserant? Lembra-se de lhe ter dito que este caro confrade cometeu uma grande imprudência ao fazer um pedido oficial, ao escrever cartas ao Sr. Ardouin? Nem imagina o mal que fazem estas cartas. Mesmo que tome uma medida que tenha a ver apenas com o seu ministério e queira avisar dela o Comandante, muitas vezes é melhor ir falar com ele pessoalmente. Se lhe for solicitado que exponha o seu pedido ou a sua opinião por escrito, sempre poderá fazê-lo já em boas condições. Muitas vezes até se lhe pedirá isso como descargo de responsabilidade própria, e então até terá de o fazer, mas é sem-

Congregação do Espírito Santo

pre bom ter antes falado pessoalmente.

Quanto ao famoso piquete de negros, o nosso sentimento aqui era que teria podido e devido admiti-lo sem dificuldade. Mas já que está feito, espere a resposta de D. Truffet, de quem por certo teve notícias. Como está encarregado da Missão, é a ele que compete regular o que tem a ver com a disciplina.

No fundo, a sua ideia até era boa. Seria possível que a exclusão dos infiéis do Santo Sacrifício da Missa causasse boa impressão. Não gostaria de emitir juízos sobre isso. Está no terreno, conhece melhor que eu as pessoas com quem trabalha. A minha única observação é que nesse caso difícil em que se envolveu com o Comandante deveria ter cedido aos seus desejos, visto que, creio eu, esse ponto da disciplina da Igreja antiga já não se segue nas Missões e, por conseguinte, a sua consciência não estava onerada com isso. Fique tranquilo, pois tudo se arranjará. Não desanime por causa disso. Repare no que acontece quando se quer trabalhar para a glória de Deus: há sempre cruces e dificuldades. Siga em frente; Deus está consigo. Não se inquiete ao ver os obstáculos erguidos pelos homens; poderão, quando muito, atrasar a obra de Deus mas não destruí-la. Veja também o quanto sofremos quando temos de orientar as coisas: é preciso estar morto para si mesmo, agir com prudência, com moderação, se queremos ser independentes no serviço de Deus.

A respeito do que se disse contra si em relação à partida do P. Bessieux, fique tranquilo, ninguém acredita (cinco linhas riscadas no original). Hei de lhe falar disso noutra ocasião.

Adeus, caro irmão, tenha coragem!

Todo seu em Jesus e Maria.

F. Libermann

P. do Sagrado Coração de Maria

P. S. - A propósito, conseguimos vender este ano os juro do Ernest¹⁸³ por 4.000 francos líquidos, o que nos ajudou um pouco a pagar a nossa nova casa.

¹⁸³ O Ernest é um navio. O P. Briot, pertencente a uma família de armadores bretões, possuía navios.